



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE CEILÂNDIA- FCE
TERAPIA OCUPACIONAL

JOÃO GABRIEL TRAJANO DANTAS

**CARTOGRAFIA DO COTIDIANO DO SUJEITO EM SITUAÇÕES DE
RUA NO DISTRITO FEDERAL**

BRASÍLIA
2013

JOÃO GABRIEL TRAJANO DANTAS

**CARTOGRAFIA DO COTIDIANO DO SUJEITO EM SITUAÇÕES DE
RUA NO DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresentada a Banca Examinadora da
Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília
como requisito parcial para a obtenção do título de
bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientação: Prof^ª. Ma Josenaide Engracia do
Santos Coorientação: Prof^ª Dra. Rosamaria Giatti
Carneiro

BRASÍLIA
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor

Dantas, João Gabriel Trajano Dantas

Cartografia do cotidiano do sujeito em situações de rua no Distrito Federal – 2013. 52 f.

Orientação: Prof^a. Ma Josenaide Engrácia do Santos.

Coorientação: Prof^a. Dra Rosamaria Giatti Carneiro

Monografia (Bacharel em Terapia Ocupacional) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, Brasília, 2013.

1. Cartografia. 2. Sujeitos em situações de rua. 3. Cotidiano. 4. Atividades
5. Existência

JOÃO GABRIEL TRAJANO DANTAS

**CARTOGRAFIA DO COTIDIANO DO SUJEITO EM SITUAÇÕES DE
RUA NO DISTRITO FEDERAL**

Monografia apresentada a Banca Examinadora da Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientação: Prof^ª. Ma Josenaide Engracia do Santos
Coorientação: Prof^ª Dra. Rosamaria Giatti Carneiro

Aprovado em 19 de dezembro de 2013.

Banca Examinadora

Prof^ª Dra Rosamaria Giatti Carneiro

Instituição: Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia

Terapeuta Ocupacional Hellen Délchova Rabelo

Instituição: Secretaria de Saúde do Distrito Federal

Prof^ª. Ma Josenaide Engracia do Santos

Instituição: Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia

Agradecimentos

Agradeço à minha família que sempre me apoiou e incentivou nos diversos momentos de minha graduação, creio que só consegui chegar aqui devido ao suporte afetivo e emocional que me deram em todos os momentos, colocando-se sempre ao meu lado.

Agradeço também à minha orientadora, mestra, amiga e parceira Josenaide Engracia dos Santos, que me proporcionou momentos inimagináveis, tanto no que diz respeito à minha formação profissional e de cidadão, quanto no que se refere à compreensão dx outrx, sempre gentil e leve, com suas gargalhadas sensacionais.

Agradeço à professora Paula Giovanna Furlan, por ser uma professora extremamente ética e adepta à construção coletiva, foi com ela que aprendi que o conhecimento não se constrói só, é construído e reformulado pelo coletivo, que o papel do professor é o de facilitar e direcionar caminhos. Sempre me espelharei nestas duas professoras que possibilitaram trocas das mais diversas possíveis.

Agradeço aos meus/minhas amigxs, em especial à sensacional Shakira, minha amiga, companheira e parceira de viagens e loucuras, sempre dividindo os momentos mais preciosos de minha vida, muitas conquistas e aflições foram divididas, e serão para sempre compartilhadas. À mãe de Céu, minha/meu futurx filhx, Fernanda Lopes, que adocica e suaviza meus dias de desamor, se hoje acredito neste sentimento é por conta dela. À Marianna Sampaio dodja, sempre me acompanhando nas andanças pelas ruas, nas interações diárias e na vida, este trabalho só foi possível por conta de sua personalidade e caráter. Agradeço à todxs xs amigxs que não poderei citar aqui, mas que tem um lugar especial na minha jornada, e sempre terão.

Agradeço ao JOÃO DE BARRO, ANDORINHA e PARDAL, por proporcionarem vivências que viabilizaram a construção deste trabalho.

À EXNETO, e amigxs de luta, estes sim abriram minha mente e furaram a bolha onde vivia confortavelmente. Por meio deles que interagi com temáticas que agora compõem minha existência e se hoje consigo refletir um pouco mais, foi por causa das participações intensas em CONEETOS, ENETOS e ERESTOS.

Aos autores com quem conversei ao longo deste trabalho, que me ajudaram a pensar a Terapia Ocupacional a partir de outra perspectiva.

À todas essas pessoas, e aquelas que em algum momento deixaram sua marca na minha trajetória, ficam meus agradecimentos.

Ruas

Carlos Drummond de Andrade

Por que ruas tão largas?
Por que ruas tão retas?
Meu passo torto
foi regulado pelos becos tortos
de onde venho.
Não sei andar na vastidão simétrica
implacável.
Cidade grande é isso?
Cidades são passagens sinuosas
de esconde-esconde
em que as casas aparecem-desaparecem
quando bem entendem
e todo mundo acha normal.
Aqui tudo é exposto
evidente
cintilante. Aqui
obrigam-me a nascer de novo, desarmado.

Resumo

Introdução: São diversos os motivos que levam as pessoas às situações de rua e independente destes, essas pessoas materializam todo o seu cotidiano nos espaços da rua, sendo assim, torna-se necessário compreender como os sujeitos endereçam suas significações pelo território e como tecem suas redes de apoio. **Objetivos:** Compreender como o sujeito em situações de rua organiza sua existência; Descrever como o sujeito organiza suas atividades cotidianas na rua; Revelar o significado dos recursos utilizados para operacionalizar as atividades cotidianas realizadas pelo sujeito em situações de rua. **Metodologia:** O presente trabalho apresenta uma leitura etnográfica das vivências resultadas de um acompanhamento realizado com um sujeito em situações de rua e seus desdobramentos. O trabalho mescla aspectos de um estudo de caso, orientado por uma análise etnográfica e subsidiados pela observação participante, na qual uma entrevista foi gravada e transcrita, sendo analisada posteriormente com o auxílio do diário de campo. **Análise dos resultados:** A pesquisa resultou na análise de 8 categorias relacionando o sujeito com seu cotidiano, são elas: O carrinho da existência; Rede, circuitos e pessoas; Atitudes conflitivas, ameaças e violência encenadas no cotidiano da rua; Encontros e desencontros; O corpo que anda todo arrumadinho; O guardião; Dinheiro e prazer; Atividades e ocupações, o sentido se materializa e significa a vida. **Discussões:** É na rua que o sujeito em destaque mescla elementos de ambientes privados, que são historicamente e socialmente construídos, com elementos que são públicos, dessa forma, atividades íntimas e privadas são realizadas em ambientes públicos, onde o sujeito tece suas próprias estratégias para concretizá-las. **Considerações finais:** É dessa forma que o sujeito se encontrando imerso em uma constante esperança equilibrada, equilibrando estratégias para viver e sobreviver, existir e resistir nos espaços da rua.

Palavras chave: Cartografia; Sujeitos em situações de rua; Cotidiano; Atividades; Existência.

Abstract

Introduction: There are several reasons that lead people to street situations and independent of them, these people embody all your everyday activities on the streets, so it is necessary to understand how the subject address their meanings and how to weave their territory support networks. **Objectives:** To understand how the person in street situations organizes its existence; Describe how the person organizes their daily activities on the street; Reveal the significance of the resources used to operationalize the daily activities performed by the subject in street situations. **Methodology:** This paper presents an ethnographic reading of experiences of monitoring undertaken with a subject in street situations and their consequences. The work blends aspects of a case study, guided by an ethnographic analysis and subsidized by participant observation, in which an interview was recorded, transcribed, and analyzed later with the aid of a field journal. **Results:** The search resulted in the analysis of 8 categories relating the subject to their daily life, they are: The cart of existence; Network, circuits and persons, conflicting attitudes, threats and violence staged in everyday street; Encounters and clashes; The body who walks around tidy; The guardian; Money and pleasure; Activities and occupations, the effect materializes and means life. **Discussion:** On the street merges elements highlighted in private environments, which are historically and socially constructed, with elements that are public, thus intimate and private activities are held in public places, where the subject weaves their own strategies for achieving them. **Final Thoughts:** This is how the subject lying immersed in a constant tightrope hope, balancing strategies to live and survive, exist and resist in the space of the street. **Keywords:** Cartography; subjects in street situations; Everyday Activities; Existence .

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	OBJETIVOS.....	11
2.1	Objetivo geral	11
2.2	Objetivos específicos	11
3	CARTOGRAFIAS DO COTIDIANO	12
4	PROCESSOS INTERATIVOS NOS ESPAÇOS DA RUA	15
5	DESCRIÇÃO DA ÁREA E CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	19
5.1	Área de pesquisa	19
5.2	Campo de interações itinerantes	20
5.3	População alvo	21
5.4	Aspectos éticos	21
5.5	Análise dos resultados	22
6	A CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO	23
7	ANÁLISE DOS REPERTÓRIOS E SENTIDOS	25
7.1	Itinerário do ator principal	Erro! Indicador não definido.
7.1.1	<i>O carrinho da existência</i>	25
7.1.2	<i>Rede, circuitos e pessoas.</i>	27
7.1.3	<i>Atitudes conflitivas, ameaças e violência encenadas no cotidiano da rua.</i>	30
7.1.4	<i>Encontros e desencontros.</i>	31
7.1.5	<i>O corpo que anda ‘todo arrumadinho’</i>	33
7.1.6	<i>O guardião.</i>	34
7.1.7	<i>Dinheiro e prazer.</i>	35
7.1.8	<i>Atividades e ocupações, o sentido se materializa e significa a vida.</i>	37
8	UMA ESPERANÇA MALABARISTA.....	40
9	CONSIDERAÇÕES	42
	REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa nacional sobre a população em situações de rua, realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, abrangeu um conjunto de 71 cidades brasileiras (dentre elas 23 capitais) e apresentou um contingente de aproximadamente 31.922 adultos vivendo em situações de rua nos municípios pesquisados (BRASIL, 2008). Segundo Paugam (1996) as situações de rua possivelmente acontecem devido à ruptura de vínculos familiares, sociais e afetivos, e que na sua maioria tem como consequência a migração para a vivência nas ruas.

Todavia, independente dos motivos que as levaram às situações de rua, de acordo com a revisão bibliográfica realizada no presente trabalho, são escassos os estudos sobre essa população, principalmente aqueles que buscam verificar o significado que as atividades e ocupações têm para esses sujeitos, assim como estudos que abordem a organização da vida cotidiana dos sujeitos em situações de rua.

A “vida cotidiana é a vida do homem inteiro, onde se colocam seus sentidos, todas suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias” (HELLER, 2000 apud GALHEIGO, 2003, p.106), dessa forma o cotidiano é entendido como construção subjetiva, não somente individual, mas influenciada pelo contexto e pelo coletivo. Em outras palavras, os sujeitos em situações de rua tendem a organizar as suas atividades cotidianas em articulações com as redes dispersas no território que trazem significados diversos para a vivência nas ruas e são essenciais para sua existência.

Em termos mais específicos, este trabalho buscou compreender como o sujeito que vive na rua constrói sua existência, organiza suas atividades cotidianas e revelar o significado dos recursos utilizados para operacionalizar suas atividades cotidianas, a proposta é uma cartografia do cotidiano. Utilizamos o termo cartografia para além do mapeamento geográfico, na verdade é um desenho que acompanha a existência e os sentidos produzidos por determinada situação de vida e desejos.

Para realização da pesquisa, foi preciso, tomar algumas precauções para não invadir as vidas dos sujeitos pesquisados, nem criar constrangimentos que pudessem piorar suas condições, já fragilizadas. Optamos por um caminho que possibilitou o consentimento das pessoas a partir do compartilhamento do seu dia-a-dia, com o exercício de sensibilidade, com investimento afetivo, tempo e escuta, para entender: como os sujeitos em situações de rua significam as atividades e ocupações que estão realizando? Como essas ocupações

constituem-se um suporte para a sobrevivência das pessoas na rua? Como os sujeitos em situações de rua entendem o significado de suas ocupações? Quais os recursos que utilizam para sobreviver e materializar as atividades e ocupações dentro do cotidiano?

Para desenvolvimento da pesquisa foi estabelecido encontros com sujeitos em situações de rua, e para tanto, foi construída uma relação de confiança com um sujeito que será denominado pelo nome de um pássaro, o JOÃO DE BARRO, foi por meio das narrativas compartilhadas que conseguimos alcançar vivências, conversas e acontecimentos tanto com o sujeito em questão quanto com outros atores. A narrativa resultou em um material base para análise final, que envolveu a identificação e agrupamento de fragmentos do discurso referentes aos significados das atividades cotidianas para os sujeitos em situações de rua. Uma abordagem que ofereceu pistas valiosas para entender o significado das atividades cotidianas para as pessoas inseridas no contexto da pesquisa.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender como o sujeito em situações de rua organiza sua existência.

2.2 Objetivos específicos

Descrever como o sujeito organiza suas atividades cotidianas na rua;

Revelar o significado dos recursos utilizados para operacionalizar as atividades cotidianas realizadas pelo sujeito em situações de rua.

3 CARTOGRAFIAS DO COTIDIANO

...tais cartografias tem em comum a busca de saída na constituição de outros territórios, para além dos territórios de saídas, outros espaços de vida e afeto. São elas todas as obras de tais inconscientes que, atrevidos, protestam. (ROLNIK, 2000, p.14)

A palavra cartografia remete à mapa, descrição como uma ferramenta desejável que tem que dar conta da representação do espaço geográfico contemporâneo. Vamos utilizar esse termo para dimensionar as vivências no trajeto do trabalho realizado na rua. A cartografia utilizada aqui, é uma linguagem visual do cotidiano dos sujeitos em situações de rua. Ainda mais é uma modelagem que acompanha os sentidos produzidos pelas situações de vida na rua que foi compartilhada. Então, a cartografia buscou captar o modo de vida, desejos, frustrações e possibilidades de atividades concretas realizadas no cotidiano da rua.

A rua é para circulação e também um lugar, segundo Reis e Maia (2008), cheio de ambiguidades, ambivalências, contingências, diferenças, repleto de movimentos justapostos, intrapostos, entrepostos, superpostos, que podem ser lineares ou ondulares, intensos ou suaves, e que estão escondidos, subterfugiados no que se pode chamar de ‘espaços de relações primárias’ as quais pertencem socialmente e culturalmente que é invisível, não é por meio dos olhos que conseguiremos captá-lo. Neste sentido, podemos refletir que a análise do cotidiano é um desafio, por romper com a tradição de se pensar espaços privados, e com a possibilidade de compreender várias trilhas, que por sua vez, formam várias redes.

Essas redes implicam em contradições entre os fixos e fluxos, sem maiores problemas na qual a subjetividade é construída por um diálogo com os territórios existenciais por onde os sujeitos estão constantemente transitando, que por sua vez, podem se tornar herméticos às transformações possíveis, dando um aspecto rígido semelhante aos mapas, ou podem também, tornar abertos a outras formas de ser, dando maior fluidez e leveza aos sujeitos que caminham pelos seus próprios territórios, como nas cartografias. (MACHADO, 1999)

Quando se tem em mente discutir a cartografia do cotidiano dos sujeitos em situações de rua, um primeiro aspecto a se considerar é a sua complexidade no ‘cotidiano do agir’. Ao mergulharmos no cotidiano da rua interessa-nos buscar a pluralidade de sentidos produzidos e em produção nas ruas, assim como sua diversidade de sons, sinais, conversas e expressões da peculiaridade que mantém a dinâmica deste espaço, que se torna recheado de significações construídas e compartilhadas no cotidiano.

O cotidiano surge como um território invisível aos nossos olhos (CERTEAU, 2000). Pais (2009) o define enquanto uma rota de conhecimento. Isto sinaliza que o cotidiano não é uma parcela isolável do social e para desvendá-lo temos que enfrentar e analisar todo o sentido e todas as significações endereçadas à ele, o que não é tarefa fácil, pois estamos falando de simbologias que precisam ser traduzidas. Tais processos simbólicos são representados pelas significações imanentes à experiência da vida cotidiana (BERGER, LUCKMANN, 2009), dessa forma o cotidiano apresenta-se enquanto solo fértil que produz, a todo o momento, símbolos e significados, que por sua vez são encarnados na experiência do sujeito que vive. É nesse contexto que o sujeito se revela em situações de rua, inserido em um cenário, um território que possibilita diversas experiências, nas quais as significações de símbolos podem ser traduzidas em atividades e ocupações.

As atividades são percebidas, vividas e interpretadas de acordo com a singularidade de seus atores, sendo dessa forma, expressões das identidades construídas. Além de participarem ativamente do processo de formação dessas identidades, assumem um caráter relacional e político (BARROS, GHIRARDI, LOPES, 2002; BARROS, 2004), dessa forma, cada sujeito tem seu modo particular e singular de organizá-las e incluí-las em seu cotidiano, e é pela aproximação com o sujeito em atividade que conseguiremos captar toda subjetividade colocada em fluxo no dia a dia.

O cotidiano se constitui enquanto um conceito complexo dotado de paradoxos, no qual “não é somente o espaço de atividades repetitivas: é também um lugar de inovação.” (PAIS, 2009, p.83). Já Berger e Luckmann (2009) assumem que a vida cotidiana é experimentada em diversos graus de aproximação e distanciamento, no tempo e espaço. Já para Schutz (1973) o cotidiano é algo que vai além de uma mera vivência sensorial, é um objeto de pensamento, uma construção de índole completa, constitui-se enquanto um solo repleto de sentido.

A análise do cotidiano proposta pela sociologia da vida *quotidiana*, em especial a sugerida por Balandeier (BALANDIER 1983, apud PAIS, 2009) tem por objeto as atividades desenvolvidas de forma regular, dia após dia, aproximando-se, dessa forma, das atividades do tipo relacional, entendendo que aquelas atividades que se inserem fora da regularidade do dia-a-dia (operação cirurgia, casamento, uma guerra, etc) não fariam parte da vida cotidiana, mas contraditoriamente, a análise desta não deve ser limitada ou reduzida ao entendimento sobre o que se passa repetidamente, de forma rotineira e passiva, sendo a espontaneidade uma característica essencial da vida cotidiana.

A realidade cotidiana se organiza em torno do que é vivenciado no ‘aqui’, lugar onde o corpo ocupa, e no ‘agora’ que é o tempo presente (BERGER; LUCKMANN, 2009), mesmo

que essa realidade não abrace fenômenos constituídos no ‘aqui e agora’, a vivência diária assume diferentes graus de aproximação e distanciamento, espacial e temporal (BERGER; LUCKMANN, 2009). Dentre essas diversas e variadas realidades existentes os autores consideram a realidade da vida cotidiana como sendo a realidade por excelência, predominante e constitui-se enquanto modo singular de existência, na qual o sujeito o estrutura a partir de recursos, meios e instrumentos, tempo e ritmo, e representa uma produção particular, sendo reconhecida pela realidade social e cultural (TAKATORI, 2001)

Em relação à vida cotidiana, De Carlo e Bartalotti (2001) consideram que o cotidiano está imbrincado com atividades de auto cuidado e manutenção da vida, que visem satisfazer as exigências e necessidades dos sujeitos “e pode ser pensada nas várias esferas que compõem a consistência vital, o cotidiano de qualquer pessoa.” (DE CARLO, BARTALOTTI, 2001, p.48). Para a autora,

os sujeitos nascem inseridos em sua cotidianidade e aprende no grupo os elementos desta, que comunicam constantemente os valores de seu grupo social mais amplo. Ou seja, a vida cotidiana é a verdadeira essência da substância social. E isso só se constitui por que ele se apresenta como um mundo intersubjetivo, um universo cuja participação ocorre com outros homens. A vida é uma rede de trocas e de relações humanas, portanto aí o cotidiano se forma e é produzido. (DE CARLO, BARTALOTTI, 2001, p. 49)

Em resumo, é no sentido cartográfico que o cotidiano oferece que novos encontros e agenciamentos vivenciados nos territórios sociais tecidos pelo sujeito. É por ser interativo que o mesmo cria seu próprio circuito e sendo por ele estabelecido no território. É deste modo que se caracteriza a importância de apresentar os processos interativos nos espaços da rua.

4 PROCESSOS INTERATIVOS NOS ESPAÇOS DA RUA

A vida cotidiana na rua, como observamos anteriormente, envolve uma significação, isto é, aponta para um sentido, uma construção a ela atribuída. São por meio dos processos interpretativos adquiridos na vida cotidiana que as pessoas estabelecem significados de suas experiências. Como observa Alves, “Ao afirmarmos o caráter intersubjetivo das pessoas em situação de rua, pressupomos referência aos quais é construído o significado da rua. Estes quadros de referência são internalizados pelos indivíduos através de processos concretos de interação social”. (ALVES, 1993, p. 269).

Salientamos que o conceito de rede social é importante para compreendermos as coordenadas pelas quais os sujeitos em situações de rua são orientados socialmente. Chamamos à atenção, contudo, para o fato de que os estudos sobre redes sociais segundo Souza (1999) têm enfatizado apenas alguns aspectos desse processo, principalmente no que diz respeito a densidade e/ou frequência de contatos. Assim, torna-se necessário que investiguemos com mais detalhes alguns pressupostos teóricos sobre o processo interativo para que possamos compreender como as redes sociais contribuem para a existência dos sujeitos em situações de rua.

A compreensão que o próprio sujeito tem dos diversos aspectos que permeiam sua vida e participação social facilita uma melhor análise das representações sociais presentes na vida cotidiana, partindo do senso comum e dos saberes populares (GALHEIGO, 2003). Isso levando em conta o seu olhar sobre seu próprio mundo. Dessa forma, entender como o sujeito se locomove, como endereça sentido às atividades que realiza, aos vínculos que estabelece, e como significa o território por onde passa, tornam-se pontos chave para a compreensão do cotidiano, que por sua vez, vai além de uma análise das rotinas, das atividades programadas e ritualizadas pelo sujeito.

“O fazer do sujeito sustenta a construção do seu cotidiano, onde a rotina existe, mas é singular, pois vivida e realizada de modo pessoal” (TAKATORI, 2001, p.372). Entendemos que a rotina configura-se enquanto “um elemento básico das atividades sociais do dia a dia.” (PAIS, 2009, p.31), necessárias para a concretização do cotidiano e que promovem relações sociais, mas procuramos ampliar o entendimento de cotidiano para além de um conjunto de atividades ritualizadas e programadas a serem realizadas no percorrer do dia, ampliar no sentido de nos aproximarmos do calor da intimidade dessa compreensão. “As rotas do cotidiano são caminhos denunciadores dos múltiplos meandros da vida social que escapam

aos itinerários ou caminhos abstractos que algumas teorias sociológicas projectam sobre o social” (PAIS, 2009, p. 32).

Sempre que possível iremos situar as pessoas que fazem da rua um espaço tanto de moradia quanto de trocas sociais enquanto *sujeitos em situações de rua*, situações por que cada pessoa possui uma forma específica e única de viver, onde projeta na rua toda sua subjetividade na materialização de vivências e experiências diárias, tanto na rua quanto fora dela, mas que na rua os sujeitos tecem estratégias singulares para sobreviver e viver em espaços muitas vezes vulneráveis e uma única pessoa pode vivenciar diversas situações com a vivência nas ruas. É dentro desse cenário que as atividades, ocupações e a rede social do sujeito emergem, dando maior visibilidade ao que era antes invisível aos olhos desatentos, à sua própria existência, traduzindo assim, sua vida na rua.

O homem comum e corrente é um ser social e histórico, isto é, encontra-se imerso em uma rede de relações sociais e enraizado em um determinado terreno histórico. Sua própria cotidianidade está condicionada histórica e socialmente, e o mundo se pode dizer da visão que tem da própria atividade prática (VAZQUEZ, 2011, p. 33).

Estes homem, estas mulheres localizam-se no tempo e no espaço, e é no espaço que estas pessoas tecem suas relações sociais, dão sentido àqueles sujeitos que entram e permanecem em seu cotidiano, seja dividindo atividades e ocupações diárias, seja servindo de suporte em momentos de conflito, mas que de certa forma, dividem um mundo relacional no qual o sujeito tem a liberdade de criar sua própria historicidade.

É dentro desse mundo pessoal e relacional que as coisas só existem em si permeando significações práticas endereçadas pelo próprio sujeito, que se concretizam enquanto satisfazem necessidades básicas e recorrentes de sua vida cotidiana (VAZQUEZ, 2011). O autor salienta que o entendimento de ‘prático’ configura-se enquanto um ato ou objeto que produz uma utilidade material, uma vantagem, nada mais do que preencher esse ato ou objeto de significações e sentidos, que sejam uteis no contexto cotidiano de sua vida, é por esta compreensão que as atividades, ocupações e a rede social são práticas para o sujeito.

A rede relacional tecida responde às necessidades emergentes no contexto diário, é por lavar o carro que o sujeito interage com outro, na medida em que essa relação se intensifica, ele consegue a gratuidade de lanches e cafés da manhã. São por meio de trocas estabelecidas e pactuadas que a pessoa fortalece seu mundo relacional, e quanto mais essas relações são alimentadas mais seu cotidiano é fortalecido no sentido de ampliar tanto suas ocupações

quanto seu papel social, o que era antes visto como ‘morador de rua’, agora é visto como amigo, companheiro, trabalhador, cliente, dentre outros papéis adquiridos com a ampliação da rede relacional e o fortalecimento de seu próprio território, que segundo Guatatti e Rolnik:

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam com outros existentes. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente ‘em casa’. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARRI, ROLNIK, 1986, p. 323).

É no contato que a subjetividade do outro se torna acessível, “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles, na medida em que, torna um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p.35).

Vieira, Bezerra e Rosa (2004) afirmam que, cada vez mais, a população em situações de rua está compondo novos cenários nas grandes cidades do mundo, onde o espaço da rua torna-se uma moradia e seus residentes estabelecem estratégias diversas de sobrevivência, de existências nesses espaços. Quanto à classificação das pessoas em relação à sua permanência na rua, as autoras estabelecem a seguinte relação: ‘ficar na rua’, ‘estar na rua’, ‘ser na rua’, conforme apontado no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 - Esquemas das situações de permanência na rua

	Ficar na rua	Estar na rua	Ser na rua
Moradia	Pensões, albergues, alojamentos (eventualmente rua).	Rua, albergues, pensões (alternadamente).	Rua, mocós (eventualmente albergues e pensões).
Trabalho	Construção civil, empresas de conservação e vigilância.	Bicos na construção civil, ajudante geral, encartador de jornal, catador de papel.	Bicos, especialmente de catador de papel, guardador de carros, encartador de jornal.
Grupo de referência	Companheiros de trabalho, parentes.	Companheiros de rua e de trabalho.	Grupos de rua

Fonte: VIEIRA, M. A. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. Citação completa, 2004, p.

Ghirardi et al (2005) na análise da classificação proposta por Vieira, Bezerra e Rosa (2004) nos diz que, na medida em que o sujeito preserva uma rede de relações que seja capaz

de oferecer suporte ao seu cotidiano e a suas necessidades básicas, onde o contato com colegas e parentes ainda se encontra presente, no qual faz uso de albergues, pensões e alojamentos, pode-se dizer que este sujeito ‘fica na rua’. O contato com novos atores com rotinas semelhantes, possibilita novas vivências, o que viabiliza um processo de identificação, desta forma, uma nova rede de relações é produzida e com o passar do tempo, substitui as antigas, transformando o ‘ficar na rua’ para ‘estar na rua’.

A partir desse novo repertório, o sujeito vai identificando-se cada vez mais com o cotidiano das ruas, criando e estabelecendo estratégias e alternativas de sobrevivência, esse processo intensifica-se na medida em que localiza seu cotidiano e suas relações sociais nos espaços da rua, a partir desse momento uma ideia de pertencimento é estabelecida, dando lugar ao ‘ser na rua’, promovendo uma relação entre o cotidiano e a existência do sujeito (GHIRARDI, et al. 2005).

Nesse aspecto, as redes sociais desempenham um papel fundamental no processo de legitimação das situações vivenciadas na rua. São através delas que distintas trajetórias individuais se viabilizam em um campo de possibilidades.

5 DESCRIÇÃO DA ÁREA E CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

5.1 Área de pesquisa

Para compreender o objeto em estudo recorreremos à antropologia, à sociologia e à terapia ocupacional, cujas contribuições nos aproximaram da dinâmica cotidiana dos sujeitos que estão em situações de rua, apreendendo códigos ainda poucos conhecidos, modos de vida, arranjos e rearranjos. Conforme Dalmolin (2006), romper com visões desatentas, e porque não, preconceituosas que orienta e conduz o olhar técnico.

A investigação segue o modelo proposto de um estudo de caso, para Yin (2005), estudo de caso é uma investigação empírica, um método que abrange algumas etapas – planejamento, técnicas de coleta de dados e análise dos mesmos. É no estudo de um caso específico que podemos destrinchar toda a complexidade e particularidade que o caso apresenta o que resulta numa maior compreensão das circunstâncias que envolvem o sujeito e seu contexto. Seguimos um enfoque qualitativo na perspectiva etnográfica. Conforme indicado por Spradley (1979), a abordagem neste método possibilita verificar como as pessoas vivem e quais crenças, valores e como elas atribuem significados às experiências que guiam seu modo de agir em relação a algo. Spradley (1979) considera a etnografia como sendo a metodologia mais apropriada por captar com mais detalhamento conteúdos que só podem ser percebidos após um determinado período de tempo com o grupo de estudo. A compreensão de conteúdos subjetivos depende de uma atenção voltada aos detalhes que algumas vezes passam despercebidos quando o pesquisador não possui em sua metodologia respaldo e técnicas que facilite a observação desses fatores.

A utilização de técnicas e procedimentos etnográficos não seguiu padrões rígidos ou pré-determinados, sendo que o etnógrafo desenvolve estes procedimentos a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. A etnografia compreende o estudo pela observação direta por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas, dessa forma encontros frequentes foram realizados à campo.

Observamos os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de “revelar” o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação (MATTOS, 2000).

O estudo etnográfico, segundo Braga (1988), é uma postura metodológica que se opõe aos modos tradicionais de manipular os problemas, sendo uma forma nova de apreender a

realidade. Para Lüdke e André (1986), são necessários três etapas para a realização da pesquisa etnográfica: 1) Exploração na qual, são realizadas as primeiras observações com a finalidade de adquirir maior conhecimento sobre o fenômeno e possibilitar a seleção de aspectos que serão mais sistematicamente investigados; 2) Decisão pautada na busca sistemática na qual pode ser utilizada a entrevista para interação verbal dos participantes e por fim 3) Descoberta – consiste na explicação da realidade.

É desta forma que o presente trabalho se apresenta, mesclando aspectos e características de um estudo de caso, orientado pela análise etnográfica e subsidiado pelos frutos de uma observação participante.

5.2 Campo de interações itinerantes

O cenário da pesquisa foi a própria rua, uma vez que é o local onde os sujeitos de pesquisa se encontram, onde realizam suas atividades, vivem e se relacionam, ou seja, não há espaço melhor para captar as existências itinerantes e produzir interações. Optamos por delimitar o território a ser pesquisado, focamos no Setor Comercial Sul, como campo privilegiado, a escolha se deu devido sua fácil localização, além de concentrar um maior contingente de pessoas vivendo em situações de rua que estão em constante contato com o uso e abuso de substâncias psicoativas, é também um espaço onde mulheres e travestis trabalham enquanto profissionais do sexo. É no Setor Comercial Sul que se encontra a ‘toca da nóia’, o ‘buraco do tatu’, ponto de uso e tráfico de drogas, é nele que sujeitos em situações de ruas e até mesmo aqueles que não se enquadram nessas situações fazem uso de drogas, principalmente do crack. Foi traçando rotas e transitando pelo local que interagimos com diversos atores, alguns só observando, outros treinando tentativas de aproximações, nas quais conversas curtas, porém significativas, foram estabelecidas.

A coleta de dados aconteceu por meio da observação participante, é por meio dela que o pesquisador vivencia pessoalmente o evento de sua análise para melhor entendê-lo, percebendo e agindo diligentemente de acordo com as suas interpretações daquele mundo, participa e procura entender as ações no contexto da situação observada (PROENÇA, 2007). Na observação participante, o pesquisador vai a campo para realizar uma investigação cujo objetivo não é a participação em si, mas a observação, que serviram para subsidiar e enriquecer as análises dos resultados. Outro instrumento foi a entrevista semiestruturada (APENDICE I) e toda a interação produzida a partir dos encontros estabelecidos e pactuados

com o protagonista. A entrevista foi gravada e transcrita, respeitando-se a grafia e a sintaxe utilizadas pelos participantes do estudo na apresentação das falas.

5.3 População alvo

As visitas ao encontro com os sujeitos da pesquisa foram realizadas em conjunto com outra estudante de Terapia Ocupacional. A pesquisa girou em volta da captura da trajetória do protagonista, que foi renomeado por JOÃO DE BARRO. Decidimos priorizar o acompanhamento deste ator, pelo fato da sua alta disponibilidade e interesse em participar da pesquisa, deste modo, o processo foi vivenciado na rua e vínculos foram criados. Outros personagens foram renomeados de ANDORINHA, PARDAL, GAVIÃO e SABIÁ.

JOÃO DE BARRO, 35 anos, homem, negro, trabalha lavando e vigiando os carros, encontra-se em situações de rua tem aproximadamente 3 anos, não faz uso de drogas, relata ter tido um momento que bebia bastante, mas faz 2 anos que não ingere bebidas alcoólicas. Tem uma relação de amizades com as pessoas citadas e demais atores da rua.

Toda a experiência foi gravada no formato do diário de campo que auxiliou nos desdobramentos das discussões. Uma entrevista foi realizada e transcrita dando origem a um material de aproximadamente uma hora de áudio.

5.4 Aspectos éticos

O presente trabalho faz parte do projeto “O Cotidiano da Pessoa em Situação de Rua do Distrito Federal”, de responsabilidade de Pedro de Andrade Calil Jabur, professor adjunto da Universidade de Brasília. Para realizá-lo, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília, em 10/07/2013, sob protocolo nº. 330.731 (ANEXO I).

Atendendo a preconização da resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996), que regulamenta os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, esta pesquisa foi submetida ao crivo do Comitê de Ética em Pesquisa para avaliação e aprovação. O termo de consentimento será assinado pelo sujeito de pesquisa, os que aceitarem participar deverão assinar duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APENDICE II) ficando uma delas em sua posse e outra em posse da responsável pela pesquisa, a fim de assegurar a realização do estudo.

5.5 Análise dos resultados

O processo de análise seguiu o estabelecido por Spradley (1979). Primeiro a análise de domínios com as anotações gerais obtidas das entrevistas e enriquecidas com os registros do diário de campo (fruto da observação participante). Um domínio representa uma categoria simbólica do significado. Estes domínios foram identificados como afirma Spradley (1979):

- Domínios populares: a descrição é feita na linguagem das pessoas;
- Domínios mistos: utiliza parte das palavras dos informantes e um termo analítico é selecionado para completar o domínio;
- Domínios analíticos: quando muitos dos significados permanecem tácitos e se infere sobre o que as pessoas fazem, dizem, e os instrumentos que elas usam.

Outro aspecto da análise utilizada será a construção das taxonomias. Os dados serão organizados seguindo uma hierarquia para conduzir a análise com profundidade e conforme Spradley (1979), demonstrar a organização interna de um domínio.

No processo sistemático e organizado a análise seguiu os seguintes passos: coleta e documentação de dados; identificação de descrições de componentes; classificação dos dados; análise contextual e de padrões: consistência e credibilidade dos dados a partir dos eixos temáticos; e por fim a fase mais refinada de análise e síntese dos dados.

6 A CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO

As vivências que os atores proporcionaram foram aproveitadas da melhor forma possível, nas quais trocas foram estabelecidas, dividimos momentos de lazer e descontração, assim como conversas intensas e complexas sobre o dia a dia e as estratégias de sobrevivência nas ruas. As interações surgiram espontaneamente com o viver na rua, onde a partir de um ator pude vivenciar o cotidiano de outros, alguns mais intensamente, outros somente de passagem, mas que enriqueceram e deram leveza ao trabalho, levando em consideração tudo o que foi vivido e dividido na rua, risadas, refrigerantes, frutas, acarajés, caminhadas e conflitos.

Este trabalho se configura enquanto uma paisagem que é vista do alto, que oferece apenas uma miniatura onde peças de quebra-cabeça são colocadas, no qual ainda faltam muitas outras peças. (CERTEAU, 2000)

Como qualquer pesquisa, esta também se deparou com limitações e dificuldades, dentre elas a dificuldade de vivenciar a rua mais vezes, onde as idas à campo resumiram-se nas manhãs das quartas feiras e durante alguns sábados e domingos e outros dias, isto se torna uma limitação considerável. Outra dificuldade foi a de entrar em contato com outros atores fora do universo do sujeito em destaque, no qual as pessoas, muitas vezes, recusavam-se em conversar, e relutavam em fazer uma gravação.

Evitamos nomear os sujeitos que transitaram durante o percurso de pesquisa enquanto ‘indivíduos’, pois concordo com Guatarri e Rolnik (2005) quando dizem que “indivíduos são resultados de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado, modelado” (RONLINK, GUATARRI, 2005, p.40). Os consideramos enquanto seres dotados de subjetividade, que segundo os autores tal subjetividade não pode ser totalizada ou centralizada no indivíduo. “A subjetividade não se situa no campo individual; seu campo é o de todos os processos de produção social e material” (ROLNIK, GUATARRI, 2005 p.41). Não somos ingênuos a ponto de desconsiderar que as pessoas não possam ser influenciadas pela massa, mas acreditamos no sujeito integral, relacional, espontâneo e dessa forma optamos por nomeá-los enquanto sujeitos de pesquisa, sujeitos enquanto seres biológicos, dotados de uma complexa subjetividade “mergulhado em um conjunto de relações sociais que alteram seus interesses, desejos e necessidades” (CAMPOS, 2007). Seguimos uma lógica que procurou representar seus cotidianos vividos, sua existência no cenário social, sem, no entanto, infantilizá-los ou desvalorizá-los. Escolhemos relacioná-los seguindo nomes de PÁSSAROS,

uma vez que estes constroem suas próprias casas em vários momentos de sua vida, mudando sempre que necessário, além de serem dotados de liberdade para voar em diversos lugares, conseguindo comida, água e meios de sobrevivência por onde quer que passem. Dessa forma, apresentamos JOÃO DE BARRO, ANDORINHA, PARDAL, SABIÁ e GAVIÃO. Foi pela interação com os pássaros acima apresentados que sentidos foram produzidos e deram origem aos resultados, descritos e analisados a seguir.

7 ANÁLISE DOS REPERTÓRIOS E SENTIDOS

O itinerário do ator principal dessa pesquisa foi resultado de escolhas edificadas e conquistadas no entrelaçamento das dimensões sociais e individuais desenvolvida no cenário da rua. Todavia nesse caminho, como veremos, existiu as ‘não escolhas’. Em ambas as situações, vamos destacar os principais domínios que aparecem na figura do JOÃO DE BARRO o acesso ao cotidiano, suas simbologias como objetos, caminhos, sentimentos, expressões. Uma das figuras que apareceu que merece um destaque especial é o carrinho da existência.

7.1.1 *O carrinho da existência*

Os encontros na rua permitiram minha aproximação com o sujeito em seu cotidiano, no qual se destacou um objeto inanimado, o carrinho, mas não um carrinho qualquer, não um carrinho trivial, mas o carrinho que guarda toda a existência do sujeito, onde nele objetos pessoais são colocados, roupas, comidas, utensílios de trabalho, dentre outros diversos materiais que facilitam seu dia a dia na rua. O nome desse carrinho, o carrinho da existência.

“Eu boto o carrinho de lado assim, aí coloco essa coberta assim, só pra tirar a calça e o sapato, aí eu troco, boto uma bermuda e tomo banho mais a vontade, e depois eu faço a mesma atividade, cubro de novo.”

Todo esse ritual é feito na rua, a rua é uma definição de sentidos para o sujeito, e não meramente geográfica, e como lugar de sentido ela deixa de ser um espaço público para ser um espaço privado, que faça sentido para o mesmo. Tal como afere Frangella (2000), é como se fosse uma mistura do que é privado com o que é público. O espaço público torna-se privado no que se refere à realização de atividades privativas do sujeito, principalmente no que diz respeito à sua intimidade, tais como o banho e o sexo, onde o sujeito arquiteta maneiras para realizá-las nos espaços públicos preservando a intimidade inerente à essas atividades, operacionalizadas pela presença do carrinho.

O carrinho traz essa representação do cotidiano do sujeito, aquilo que é dado a cada dia (CERTEAU, 2000). São atividades e questões rotineiras que compõem os acontecimentos diários da vida do sujeito. É um carrinho dotado de existência. Heidegger (1989) ressalta que

“A palavra existência designa um modo de ser e, sem dúvida, do ser daquele ente que está aberto para a abertura do ser, na qual se situa, enquanto a sustenta” (HEIDEGGER, 1989, p.59) e logo a seguir, acrescenta: Somente o homem existe.

“No carrinho da gente. Nós tem comida, tem as coisas da gente, por que quando dá vontade de comer a gente, só comer.”

O carrinho é um objeto que proclama uma intenção subjetiva relacionada à realidade cotidiana, e a sua existência na rua (BERGER; LUCKMANN, 2009). É assim que JOÃO DE BARRO interage com materiais e instrumentos que dão vazão e fluidez aos objetos, significando-os em sua existência, que de certa forma, ditam suas intenções subjetivas dentro de um universo interacional de objetos.

“O banheiro eu faço lá mesmo, pertinho, tem um trailer do lado assim só é encostar o “carro” assim, ligeirinho.”

“O problema na rua, é só as suas coisas, o carrinho que você tem, suas roupas, as coisas de valor, a preocupação é só isso.”

A fala de JOÃO DE BARRO torna-se uma vitrine, na qual conseguimos vislumbrar experiências vividas por outros atores no mesmo cenário, que é a rua.

“Ele, tinha um carrinho desse aqui, andava em Brasília toda com o carrinho dele, era latinha velha, de alumínio, ferro velho.” (falando em relação ao GAVIÃO, um de seus primeiros contatos quando chegou em Brasília)

Estar no mundo significa habitar o mundo (HEIDEGGER, 1989, p.54), morar nele, deter-se nele, e não simplesmente encontrar-se. No enunciado de JOAO DE BARRO, percebemos que estar no mundo, habitar o mundo nos direciona à experiências do outro, neste lugar, conseguimos observar que o carrinho está presente no cotidiano de outros atores, com o mesmo sentido, imerso em sua existência, situado num contexto de vivência no mundo.

7.1.2 Rede, circuitos e pessoas.

O sujeito transita pela cidade e durante o circuito interage com atores que compõem esse cenário, estabelece relações com pessoas que, por sua vez, viabilizam uma rede de apoio. Rede de apoio são trajetórias de buscas, produção e gerenciamento do sujeito, empreendidas seguindo uma lógica tecida nas múltiplas relações que possam lhes dar sustentabilidade na experiência de vida. (BELLATO ARAÚJO, CASTRO, 2008).

Granovetter (1992) argumenta que os laços que se estabelecem com pessoas de diferentes círculos sociais, apesar de não serem os mais fortes ou mais intensos, normalmente dão acesso a certos tipos de recursos (informação e ajuda material basicamente). É por meio dessas interações que o sujeito amplia sua participação no território, sempre recorrendo à sua rede de apoio. Percebem-se também relações de troca, onde o sujeito oferece serviços em troca de outros, uma alternativa ao pagamento em dinheiro. É na banquinha que ele toma seu café da manhã e demais lanches, em troca lava o carro de seu dono, com o qual mantém uma relação de confiança.

“Lavo o carro do pai dele lá (apontando para o jovem), te mostrei naquele dia, o dinheiro que fica” (outro dia quando chegamos lá, encontramos o carro do dono da venda aberto com a música tocando alto, tipo música gospel, neste dia conversamos sobre confiança, e sobre a relação que ele tinha com o dono da venda, ele nos mostrou onde ele deixava o dinheiro e falou que não mexia).

JOÃO DE BARRO preza pela relação que tem com a polícia, demonstrando certo receio em se colocar em situações em que esta relação possa ser questionada, principalmente quando há a possibilidade de ser associado à conduta de terceiros.

“Se eles começam a aprontar, a polícia começa a manjar, aí vai me sujar, que eu tô andando com gente de confusão.”

O trabalho também se torna um elemento importante, que de certa forma, amplia as possibilidades relacionais que compõem sua rede, enquanto lava e guarda os carros ele estreita os vínculos com os donos dos mesmos, que passam a frequentar cada vez mais o estacionamento, dessa forma, estes novos atores são incluídos complementando a rede de apoio, que por sua vez, são redes tecidas pela pessoa na experiência de estar em situações de

rua evidenciando, o modo como vão se constituindo e se materializando no seu cotidiano. Alguns clientes deixam a chave do carro com JOÃO DE BARRO para ele limpar por dentro, e dão permissão para que ligue o som, caso deseje.

“Ele trabalha no estacionamento, esse é Junior. Eu lavo o carro dele também, o negócio dele é o som, gosto desse carro por causa do som dele.”

Essas redes vão ganhando forma e sentido que utilizaremos a definição de Dalmolin (2006) na qual as redes ou trajetórias podem ser definidas enquanto expressões subjetivas que possibilitam experienciar diferentes maneiras de usufruir do mundo e de se articular com ele.

A rede de apoio existe e oferece suporte ao sujeito que dela faz uso, que em diversos momentos essa aparição surge de forma espontânea, mesmo quando o sujeito não a aciona, ela emerge dando suporte em momentos de conflito, seja num desentendimento por conta dos policiais, ou até mesmo nas interações com outros atores sociais que também se encontram em situações de rua.

“... os policia já me conhecem lá, ela foi pro postinho policial (um que fica próximo à casa de B. no setor comercial norte) falou que sou estuprador, noiado, fumador de droga tudo, ela falou. daí ficou chorando lá no postinho, o policial falou ‘Sai lá baiano, não se envolve com essa mulher não, não dá mais dinheiro pra essa mulher não’ não falou nada, me apoiou ainda.”

A rua constitui-se enquanto um espaço de trocas, que a todo o momento os sujeitos que nela transitam são inseridos nessa teia, visando o alcance de um objetivo traçado por ele.

“O almoço é marmitex, dona M.” M. é referência para as refeições, é em seu trailer que JOÃO DE BARRO paga uma quantia mensal e come as marmitas de Dona M.

O que percebemos no transcorrer dos circuitos relatados por JOÃO DE BARRO é que para se manter em situações de rua fez uso de sua subjetividade como arsenal para viver na rua, o que Guatarri e Rolnik (2000) destaca que a subjetividade é também produzida por meio de mecanismos e estratégias mais diversos da sociedade. É na rua que essa subjetividade é colocada em prática, oferecendo possibilidades de escolha aos sujeitos, em que a ‘não escolha’ também é uma opção ao sujeito.

“Fui no pop ontem... entrei lá dentro e fui aproveitar pra tomar banho, Rapaz... o cara me deu uma toalhazinha descartável e um pedaço de sabonete aí quando eu entrei dentro do banheiro, não tem como tomar banho não, se pisar no chão, é arriscado o cara até pegar uma doença. Aquele piso todo cheio de terra, o pessoal vai tomar banho e não limpa né? O chão todo cheio de terra, a água fria, chuveiro frio, eu fui voltei, devolvi os negócios e ele ainda fala assim ‘rapaz, você não vai tomar banho?’ aí eu falei ‘rapaz, para com isso, isso aqui tá bom de ser denunciado’, falei, passei na guarita e falei pro outro ‘tá é doido, isso aqui é coisa de ser denunciada’ aí ele ‘vem cá, faz sua ficha’, se você vir de lá você vai ver se é ‘caô’ (mentira) mesmo.” JOÃO DE BARRO relata não fazer uso do Centro POP.

Os sujeitos em situações de rua, segundo Matta (2008) são anônimos e desgarrados, são quase sempre maltratados pelas chamadas "autoridades" e não tem nem paz, nem voz. São rigorosamente "subcidadãos" e não será exagerado observar que, por causa disso, seus comportamentos na rua (e nas coisas públicas que ela necessariamente encerra) são igualmente negativos.

“Daí chegou a polícia e pensou que nós tava vendendo droga, aí o menino chegou e falou ‘não, o menino tá aqui, dorme aqui é tranquilo’ é que tem uma policia novata, não é aqueles que estão lá não. ‘O menino que dorme aqui é tranquilo, nós só tá dando uma janta pra eles, tendo uma palestra com eles’”

JOAO DE BARRO estabelece seu lugar a partir de sua relação com os espaços da cidade aos quais pertence socialmente e culturalmente e que segundo Reis e Maia (2008) as pessoas se re-conhecem e se re-encontram consigo mesmas e com os outros. Seguidamente, identifica-se tanto com um grupo, como com outro. Ora faz parte de um grupo, ora faz parte de outro. Assim, segue costurando sua identidade que já não é tão fixa, mas complexa, junto às redes de sociabilidade.

“Os policia já me conhecem lá...” “... o policial falou ‘Sai lá baiano, não se envolve com essa mulher não, não dá mais dinheiro pra essa mulher não’ não falou nada, me apoiou ainda.” A mesma situação conflituosa com a senhora, na qual JOÃO DE BARRO se torna um ator com reconhecimento social.

É dessa forma que as relações de JOÃO DE BARRO são constituídas e mantidas na rua, relações com a rede, com circuitos traçados e com pessoas que estão constantemente entrando em seu mundo existencial. Percebe-se também que a rua se constitui enquanto território que permite fluxos relacionais, onde as pessoas estão constantemente se afetando, criando assim, diversas formas de existência. Para que se efetivem as redes e circuitos JOÃO DE BARRO cria seus próprios referenciais, suas próprias cartografias, que de certa forma vai delineando sua protagonização que ainda que no meio do desencantamento, parece não perder a capacidade de desejar.

7.1.3 *Atitudes conflitivas, ameaças e violência encenadas no cotidiano da rua*

A rua constitui-se enquanto palco que produz subjetividades, onde a troca entre seus atores permite contato, aproximações, distanciamentos, estranhamentos e muitas vezes agressividade, que pode ser caracterizada como uma forma de violência entre os sujeitos variados. A rua, muitas vezes, pede posturas de sobrevivência, onde é preciso demarcar seu território e se impor diante do outro que ameaça.

“Ai ela chegou, e tava pegando direto, a gente armou uma pra ela ontem, aí pegamos ela, quando ela tava pertinho pra mexer no meu carro eu ‘deile’ esse cinto, foi. Ela deu sorte que eu não bati com a fivela não, eu bati só com essa parte. Ela era mais velha né, daí eu respeitei ela, só uma aviso pra ela.”

“É, agora nós tamos jurados dela, ela disse que vai botar fogo na gente.”

Pais afirma que no cotidiano são experimentados tensões, conflitos, posições ideológicas e muitas vezes, mudanças (PAIS, 2009, p.79).

Uma vez que suas necessidades básicas são questionadas pelo contexto, os sujeitos se encontram em situações diversas para conseguirem vê-las satisfeitas, dessa forma arquitetam múltiplas possibilidades para viabilizá-las, são nessas possibilidades que o roubo, a ameaça e a agressividade se colocam em movimento, tornando a rua enquanto um espaço de violência, onde além do sujeito precisar contemplar suas necessidades, precisa sobreviver ao outro.

“Quebrou a perninha, foi bater na mulher.” O filho do dono da banquinha se referindo ao pé enfaixado de ANDORINHA.

“Ele tava dormindo num lugar e o rapaz roubou as coisas dele.” Se referindo ao PARDAL, quando o conheceu.

“Um noiado vim de noite, que nem a véia mesmo, botar fogo em você, entendeu? Desse jeito.” JOÃO DE BARRO falando sobre seus medos e preocupações na rua.

As situações descritas refletem o campo de violência da rua, onde impõe aos sujeitos um estado de vigília permanente, ficando sempre atento aos acontecimentos que possam surgir dentro de seu espaço, tais acontecimentos pedem uma resposta, uma postura do sujeito e é neste momento que condutas agressivas são colocadas, enfrentamentos são travados.

7.1.4 Encontros e desencontros.

O ser humano é um ser relacional, que afeta e é afetado pelo outro. Essas relações de afetação permeiam o cotidiano na rua, caracterizado por encontros e desencontros do sujeito, a exemplo do personagem protagonista que legitima ANDORINHA como filho, assim como estreita sua relação com o PARDAL.

Dentro do espaço de vulnerabilidade que é a rua, o sujeito consegue estabelecer redes de solidariedade, cumplicidade e de resistência. Quando alguém precisa de ajuda, JOÃO DE BARRO está disposto a gastar uma quantia a mais para oferecer um prato ‘caprichado’ de comida, ou quando chama o outro para dormir em sua ‘casa’ e trabalhar consigo.

“Dorme, eu pago a marmiteira pra ele da noite.”

“Não, é vendido, o prato é 4 reais, o prato normal. Mande caprichar, ‘bote 5 reais pro cara aí’, aí o rapaz botou”

A realidade da vida cotidiana não é vivida só, é experimentada e sentida como um mundo intersubjetivo, na qual diversos sujeitos participam. Dessa forma esta realidade materializa-se na existência dos sujeitos, onde não há a possibilidade de “existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com outros” (BERGER, LUCKMANN, 2009, p.40), em permanentes encontros e desencontros. A rua é esse espaço de circulação fixa e fluida, é o dinâmico permeado por mudanças.

“Dorme eu o ‘PARDAL’ o ‘ANDORINHA’ e a mulher, a mulher dele, só nós quatro.”

O sujeito constrói seu próprio convívio, escolhe e é escolhido pelos atores e dessa forma, em vários momentos, compartilham do mesmo cotidiano, onde as atividades “atuam como outra forma de dizer da condição humana, de apresentar um compromisso real com a existência, de promover trocas sociais e de romper com o isolamento e a invalidação dos sujeitos” (DE CARLO, BARTALOTTI, 2001, p.50)

“Nós estamos juntos tem o que... O PARDAL eu conheço faz 2 anos, mas não ficava no mesmo, o ANDORINHA tem uns 3 meses, que eu conheço ele, aquele do pé quebrado, tem uns 3 meses, nós dorme lá junto, ele só andava só mas ele pediu ajuda pra ficar mais eu”

Seguindo essa linha de raciocínio De Carlo e Bartalotti (2001) nos fala a relação que a atividade estabelece com o sujeito, na qual resulta numa série de produções, produção de vida, de sociabilidade, de trocas, utilizando-se de formas coletivas de convivência, solidariedade e afetividade é dessa forma que o compartilhamento das atividades realizadas pelos atores aproximam seus cotidianos.

“Ai quando eu preciso lavar carro ele que vem me ajudar” se referindo ao ANDORINHA.
“Considero, ainda considero por que se ele ter certeza que não vai nem beber mais, considero a mesma coisa mas...” “...Tem outra pessoa melhor não pra conviver, não é não? O ANDORINHA, ele é um cara bom, ele é um cara bom.” “...Amizade é a mesma amizade...”

JOÃO DE BARRO configura-se enquanto elemento chave na vida de outros atores que se encontram em situações de rua, seja na vida de atores como ANDORINHA e PARDAL, ou outros sujeitos, que precisam de alguma ajuda pontual, a seguinte fala reflete esta relação:

“Fui no POP ontem, fui ver ANDORINHA que ele tá sem documento, aí fui fazer uma ficha pra poder, é, lanche, isso aquilo outro, mudar a faixa da perna dele, daí eu dei meu título para ele, um documento sem foto, só pra... aí dei pra ele e fui buscar.”

JOÃO DE BARRO, ANDORINHA e PARDAL compartilham, de certa forma, semelhanças de um cotidiano, onde cada sujeito tem uma maneira peculiar de se organizar no mundo, possuindo uma perspectiva própria (BERGER; LUCKMANN, 2009). Os autores consideram a existência de uma contínua correspondência produzida pelos sujeitos, onde o

conhecimento do senso comum é partilhado com outros em rotinas normais, que no caso dos sujeitos materializam-se no compartilhamento de marmitas, no trabalho realizado, nas idas ao parque, e nos momentos de sono, na qual se organizam e dormem próximos uns dos outros.

7.1.5 *O corpo que anda ‘todo arrumadinho’*

A higiene e o cuidado pessoal com o corpo aparecem como imprescindíveis na vida de JOÃO DE BARRO. “O corpo evidencia as marcas da territorialidade itinerante, das contradições e ambiguidades, frutos do embate de significados do uso do espaço da cidade.” (FRANGELLA, 2000, p.207) é pela análise do corpo e suas representações que conseguiremos compreender melhor a forma que sua existência cotidiana é colocada em prática.

“O corpo despojado, isento de cuidados, sujo, envolto em trapos, choca, incomoda” (FRANGELLA, 2000, p.212). Todavia, a sujeira pode ser uma moeda de troca, concretizada na mendicância atuando como um elemento que proporciona ganhos aos corpos despojados, em contra partida traz também à tona diversos sentimentos relacionados à vergonha e embaraço, podendo neste momento utilizar formas (banho) para afastar tanto a sujeira quanto os olhares dos transeuntes.

“O rapaz não deu a mínima pra ele porque ele tava sujo”

“Ele chegou estava todo sujo. Parece que tinha saído da toca da nóia, todo sujo.”

É por meio da visão que JOÃO DE BARRO tem acerca da higiene, auto cuidado e estética que elas surgem como fatores de reconhecimento social. É assim que

tomar banho e permanecer na rua significa trazer a limpeza – signo associado à ordem – para o espaço onde seu corpo se torna vulnerável, seja fisicamente, pela possibilidade de serem agredidos pela sua aparência suja, seja simbolicamente, em uma tentativa de diminuir o estigma que pesa sobre eles (FRANGELLA, 2000, p. 212 - 213).

É pela realização de atividades de auto cuidado e de higiene pessoal que JOÃO DE BARRO modifica sua aparência, mimetizando sua forma em meio à multidão, criando um efeito contraditório e particular de não-excluído, relativizando, desta forma, o seu caráter ‘de rua’ (FRANGELLA; 2000).

“Como eu ando todo arrumadinho...”

Quando perguntamos se JOÃO DE BARRO está satisfeito com seu cotidiano, se gosta do que faz, o mesmo coloca o cuidado com seu corpo como atividade de interesse.

“Trabalhar aqui, comer bem, me vestir bem, andar de barba feita.”

“De 15 em 15 dias. E o cabelo né? Se eu for fazer a barba antes eu tenho que fazer em 8 em 8 dias, cortei essa barba na terça feira e olha como já está.”

A estética é vivenciada de forma peculiar, cuidando de sua aparência e frequentemente faz a barba e corta o cabelo, “O cuidado com a estética, assim como o banho e as roupas, são signos ‘ritualizados’ publicamente por meninos e meninas, no sentido de trazê-los, simbolicamente, do circuito da casa para a rua.” (FRANGELLA, 2000, p.213).

7.1.6 O guardião

Na maioria dos encontros que tive com JOÃO DE BARRO aconteceram em pleno seu horário de trabalho. Ele passa as manhãs e tardes guardando e lavando os carros confiados à ele pelas pessoas. É pelo trabalho que ganha dinheiro e produz sentido no território, pois é pelo trabalho que ele cria e mantém relações com os outros, desde pessoas que estão deixando seus carros para irem a algum compromisso e até mesmo pessoas que passam por ali e pedem para que JOÃO DE BARRO dê um jeito no carro, lavando com cuidado e atenção.

“Viver a rua como um espaço de moradia e trabalho tende a levar os sujeitos a permanecerem em lugares com maiores possibilidades de captação de recursos que favoreçam a própria sobrevivência” (GHIRARDI, et al, 2005, p.602) é dessa forma que os sujeitos em situações de rua escolhem os lugares para trabalhar.

“Eu tenho 8 clientes, 80 reais por mês, amanhã em diante já estão tudo aqui. Dia 7 é o dia do pagamento.”

“Não penso aqui o trabalho enquanto relação técnica de produção, mas como suporte privilegiado de inscrição na estrutura social.” (CASTEL, 2010, p.24) É por meio do trabalho que JOÃO DE BARRO tece suas redes relacionais, estruturando-se em seu contexto.

“Meu trabalho é lavar carro, tratar as pessoas bem, para poder eles voltar e tocar o barco pra frente.”

Quando JOÃO DE BARRO lembra dos tempos em que trabalhava para o GAVIÃO, relembra por um sentimento de humilhação, em que seu trabalho e esforço são desvalorizados.

“Eu recebia um real por lavar os carros, era uma humilhação rapaz, eu não tinha medo dele entendeu?”

“Chegava um como ‘vai lá ver esse carro’ aí se tivesse uma mancha no carro ele vinha, e comecei a lavar bem lavado por conta dele, se tivesse uma manchinha ‘a lá!’ e já limpava tudo.”

Quando JOÃO DE BARRO se encontra doente com situações clínicas de restrição, em que suas atividades de trabalho encontram-se reduzidas por um procedimento hospitalar (enfaixar o dedo), logo resolve desfazê-lo, priorizando dessa forma o trabalho.

“Esse dedo aqui também ó! Eu tirei pra poder trabalhar, eu estava trabalhando com ele, a mulher botou uma faixa aqui, um bocado de carro pra lavar e aí pronto.”

Toda essa discussão nos mostra o quão imbrincado JOÃO DE BARRO está com suas atividades de trabalho, o que é totalmente justificável, pois é por meio delas que ele consegue estruturar e organizar todo seu cotidiano e sua rede relacional.

7.1.7 Dinheiro e prazer

Mesmo dentro da rua, o sujeito não foge à lógica do capital, consegue reproduzir aspectos de importância, a exemplo do dinheiro. O dinheiro tem um valor universal em vários aspectos (sobrevivência, poder, status) e fornece segurança material e psicológica.

“Por que, a gente que mora na rua, uma hora dessas, eu peço pra Deus pra não acontecer nada né? Mas tem hora que os caras começam a perturbar, uma confusão e você tem que ir embora rápido, você tem que ter o dinheiro né? Uma doença mesmo, eu tenho que mexer nos dentes aqui, tem que ter o dinheiro que eu não posso ficar pedindo à ninguém.”

O dinheiro é a fronteira final para a resposta do que verdadeiramente estamos buscando, e como manejamos a busca do prazer pessoal, que está intrinsecamente ligado à outra pessoa. Satisfação é acúmulo, apego, segurança ou a divisão de algo de valor que possuímos com alguém sem que a esfera do medo. O dinheiro então é uma espécie de convite ou passe para que se diminua a humilhação de tal realidade sentida.

O dinheiro também entra em cena como um elemento ‘importante’ para a organização da vida cotidiana, uma vez que ele possibilita diversas atividades, além de ser um instrumento que viabiliza trocas; compra de sexo, drogas, marmitas, pagamento da água utilizada no trabalho. O sujeito, vendo a necessidade de outros, usa o dinheiro como meio para ajudá-los, seja na compra de drogas, marmitas, lanches, além de contemplar suas próprias atividades de interesse, alimentação, passagem, e até mesmo atividades sexuais, onde o sujeito paga em troca de serviços sexuais, seja diretamente, ou de forma indireta quando paga algumas coisas para as mulheres, que também encontram-se em situações de rua, como comida, bebidas, drogas.

“Sexta, sábado peguei outra, uma bonitinha rapaz, mas ontem ela já estava na pedra. Pediu 10 reais, eu dei, ‘to esperando aqui’. Nós tava eu, PARDAL, ANDORINHA e a mulher dele, com uma galerinha batendo um papo, aí eu falo ‘to esperando aqui em casa viu?’ por que onde eu vivo eu chamo de casa. ‘to esperando aqui, não demore, se não eu vou soltar os cachorros’ piadinha né? Aí sumiu, apareceu mais tarde ‘Ah JOÃO DE BARRO quando eu fui ali e tal e tal’ aí ANDORINHA falou ‘Essa mulher usou droga’ ‘eu já to vendo na cara dela’. E ela ‘você não me arruma mais 10 reais’ ‘toma, vou te dar mais 10’ aí ela sumiu”

“Não, é vendido, o prato é 4 reais, o prato normal. Mandeí caprichar, ‘bote 5 reais pro cara aí’, aí o rapaz botou.”

Simmel (1983; 1990) acredita que a sociedade só é possível porque existem interações. Sem relações, não é possível haver sociedade. Muitas relações, por sua vez, engendam-se a partir da troca de produtos por dinheiro. Assim, os objetos tornam-se valores somente através do processo de troca. Trocar algo significa relacionar-se com alguém, entrar em contato com o outro.

“Daí eu falei, ‘SABIÁ, aquela mulher me deve 6 reais oh! Recebe pra você””

A valoração dos objetos pressuposta pelas narrativas constituem um fenômeno humano, para Simmel (1990), a valoração de objetos, comportamentos ou mesmo de pessoas é típico das sociedades humanas. Os homens atribuem graus diferenciados de importância a objetos e ações; criam uma hierarquia de valores, a partir da qual a própria possibilidade da vida conjunta é possível. Aceitam-se ou rejeitam-se comportamentos e objetos, atribuindo-lhes graus diferenciados de importância.

“Você fala que paga pensão né?” “350.”

JOÃO DE BARRO possui ganhos constantes durante o mês, fruto de seu trabalho, com os quais conta para organizar e se inserir em atividades de seu interesse, reserva algum dinheiro para manter sua alimentação, água para lavar os carros, dentre outros gastos, além disso consegue guardar algum dinheiro em sua conta no banco. É assim que o dinheiro se torna um instrumento facilitador e até certo ponto, organizador do dia a dia. O dinheiro possibilita a materialização de sua subjetividade.

7.1.8 Atividades e ocupações, o sentido se materializa e significa a vida.

A vida cotidiana dos sujeitos circula entorno de atividades significadas por eles, JOÃO DE BARRO demonstra ter a capacidade de estruturar sua rotina centralizando-a no trabalho, acorda mais cedo para que os trabalhadores do restaurante possam limpar o local, realiza seu café da manhã já próximo do estacionamento que trabalha, escova os dentes, e inicia sua jornada diária seguindo o fluxo de carros e pessoas que começam a chegar cedo, pois o estacionamento está localizado frente à uma faculdade, sendo a manhã e o horário almoço período intenso de pessoas.

“5:30 já levantei pra vir trabalhar porque os caras tem que limpar lá né, do restaurante, tem que limpar e nós tem que sair cedo”

“Eu acordo, venho aqui, escovo os dentes, tomo um café ali (banquinha), trabalhar, quando chega umas 6 horas coloco o colchão, tomo banho e esperar, faço o banheirozinho aqui.”

Pelo que é expresso por JOÃO DE BARRO, seu cotidiano segue, de certa forma, uma rotina bastante fixa, pois os horários de algumas atividades não são estabelecidos por ele. “A

ideia de rotina é próxima da de quotidianidade e expressa o hábito de fazer as coisas sempre da mesma maneira.” (PAIS, 2009, p.30).

As atividades são inseridas seguindo um contexto histórico e social, no qual a experiência vivida se baseia, tal fato oferece novas experiências, o que resulta na ampliação de novos campos, potencializando a atuação dos sujeitos sobre seu próprio meio

DE CARLO, BARTALOTTI, 2001, p.50)

“Bem, pra tomar banho, Esse é o divã (mostrando o carrinho de compras) eu boto o carrinho de lado assim, aí coloco essa coberta assim, só pra tirar a calça e o sapato, aí eu troco, boto uma bermuda e tomo banho mais a vontade, e depois eu faço a mesma atividade, cubro de novo.”

O espaço do restaurante se modifica de acordo com a cotidianidade, durante à noite e pela manhã semana ele se transforma num dormitório, já nos finais de semana é um ponto de encontro, onde os companheiros e colegas sentam para conversar, ouvir música e soltar piadas.

“... do restaurante, tem que limpar e nós tem que sair cedo. Ontem mesmo chegou umas mulher dando sopa lá, tinha ao menos uma 9”.

A escolha do local seguiu alguns critérios, dentre os quais a segurança foi a mais valorizada, pois logo ao lado encontra-se um posto policial, levou-se em conta a limpeza do local, além é claro, do pacto com o dono do restaurante.

“Nós dorme lá tem o que? Eu tenho uns 3 anos eu durmo naquele local ali, mas só mudei de um lado pro outro.”... “Escolhi porque é melhor, não molha de noite, entendeu? É mais de segurança, a viatura passa pra lá e pra cá toda hora. Ai escolhi aquele ali.” JOÃO DE BARRO, ANDORINHA e PARDAL dormem no espaço de um restaurante.

É por meio das atividades que os sujeitos se conectam com outros atores e com o ambiente, tal característica atua em oposição ao processo de exclusão (DE CARLO, BARTALOTTI, 2001, p.56). É dessa forma que atividades são divididas e realizadas juntas.

“Não, quando ele estava aqui ele ia buscar o almoço lá, que o horário aqui é meio dia, é meio dia o horário que o pessoal começa a sair, aí não pode sair os dois. De noite quando estou sozinho aí ANDORINHA vai lá buscar, ou, o POMBO vai lá buscar, se não eu lancho ali mesmo e fico até de noite.”

As atividades traduzem-se em ocupações dotadas de simbologias para as pessoas. As ocupações dão sentido às vidas das pessoas e nelas são depositadas toda subjetividade do fazer humano, na qual se concretiza toda existência do ser.

8 UMA ESPERANÇA MALABARISTA

É na rua que o protagonista interage com objetos e recursos que afirmam e garantem sua existência, facilitando atividades significativas e a satisfação de necessidades básicas. É neste contexto em que seu carrinho surge, um elemento bastante comum na vida dos sujeitos em situações de rua, onde nele colocam todo seu modo de vida, toda organização necessária para existir e resistir na rua. É por meio da rede social que novas situações são criadas, dando vazão ao fluxo constante de afetos, sendo um recurso que emerge em diversos momentos oferecendo suporte e apoio em momentos de conflito, e quando esta rede encontra-se coesa o sujeito não vê necessidades de recorrer às organizações governamentais, a própria rede oferece suporte e apoio na rua.

Entendemos que JOÃO DE BARRO se esforça na tentativa de reproduzir, no contexto da rua, um espaço doméstico, podemos relacionar à uma esperança equilibrista, pois o mesmo tem em sua mão direita toda sua experiência vivida histórica e socialmente no que se refere aos ambientes privados que costumava transitar e na outra mão tem sua situação pública de rua, é assim que JOÃO DE BARRO tenta equilibrar o público e o privado misturando experiências construídas ao longo de sua vida, é assim que surge todas suas formas de organização de vida diária, amalgamando o espaço público com o privado e íntimo, mesmo que no público ele utilize-se diversos mecanismos de defesa para sobreviver e viver, mais precisamente em estado de vigília quase que constante.

É neste cenário que a atividade laboral (trabalho) aparece possibilitando e potencializando trocas para JOÃO DE BARRO, tanto as afetivas e sociais, quanto econômicas. Essa ocupação viabiliza a própria existência do sujeito no território, na qual organiza sua rotina, tece novas relações com o fazer humano, deposita toda sua subjetividade na escolha dos materiais a serem utilizados, na forma em que a atividade será colocada em prática, modificando-a sempre que necessário, é dessa forma que o trabalho compõe a própria existência do sujeito e estimula uma esperança que tenta se equilibrar em possibilidades.

Os achados deste trabalho somam com o que Ghirardi et al (2005) diz quando:

o dia a dia dessa população gira em torno de dois eixos: a busca por meios de sobrevivência (bocas de ranco para alimentação, associações para cuidados com a higiene pessoal, albergue para descanso e segurança noturnos, por exemplo) e a busca por trabalhos temporários, como bicos na construção civil, ou o recolhimento de materiais recicláveis para venda. (GHIRARDI et al 2005, p. 606)

A vivência junto com JOÃO DE BARRO e seus companheiros, permitiu compreender que sua existência na rua gira em torno dos eixos citados, mas que em sua organização no território, eles buscam equilibrar possibilidades de vida, mesmo inseridos num cenário em que situações de vulnerabilidade são ofertadas, que contraditoriamente permitem fluxos de subjetividades, mesmo sendo frágeis e questionáveis são pontos importantes a serem considerados. O próprio Carlos Drummond em seu poema ‘ruas’ nos alerta sobre os espaço exposto que é a rua, falando que é na rua que obrigam os sujeitos a nascerem de novo, desarmados, e na rua traçam novas estratégias de sobrevivência e de existência.

Almeida et al (2011) afirma que essa trajetória encontra espaços para novos encontros, onde os sujeitos estabelecem novos vínculos e elos de solidariedade, por mais descontínuos e frágeis que se encontrem, permitem o acesso, mesmo que precário e parcial “à geração e à distribuição de bens e valores sociais, essas relações configuram um campo que viabiliza a sobrevivência física, afetiva e social dessas pessoas” (ALMEIDA et. al., 2011, p. 353). Conforme Berger e Luckmann (2009) o mundo consiste de múltiplas realidades. “É a sucessão de acontecimentos vividos que incluem espaços sociais, tempos diversos, pessoas e objetos variados e que se desenrolam no dia a dia.” Não é objetivo do presente trabalho defender a rua enquanto espaço onde tudo é belo, penso que JOÃO DE BARRO, ANDORINHA e PARDAL, assim como outros pássaros livres na rua, buscam eixos que vão além da sobrevivência e do trabalho, buscam vida sempre se equilibrando.

9 CONSIDERAÇÕES

Cartografando a trajetória do protagonista e dos seus companheiros, podemos perceber que o endereçamento para manter sua existência, permite uma compreensão da forma em que os sujeitos encontram-se inseridos em seus territórios sociais e existenciais e as múltiplas possibilidades existentes no cenário da rua.

A rua não é somente asfalto e concreto, não se limita em logradouros e espaços abandonados sem sentido para a sociedade. A rua constitui-se enquanto uma rede tecida por quem nela vive, que por sua vez, possibilita trocas sociais, afetivas, emocionais e econômicas, engajamentos em atividades e ocupações que dão sentido às vidas.

Salientamos o fato da população que vivem nos espaços urbanos possuírem maneiras singulares de significar sua própria existência, tornando essa população a mais heterogênea e diversa possível, mesmo que existam aspectos comuns que são vivenciados pelo coletivo, adquirem estratégias que dão forma aos seus corpos em constante movimento seguindo o fluxo que fizer sentido e quando deixar de fazê-lo, tal fluxo é abandonado, dando lugar à uma nova forma de ser e estar no mundo, e é neste mundo que o sujeito existe e resiste na rua em uma constante esperança malabarista.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA. M. C ; BARROS. D.D; GALVANI.D; REIS.T.A.M. Terapia ocupacional e pessoas em situação de rua: criando oportunidades e tensionando fronteiras **Cad. Ter .Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 19, n. 3, p. 351-360, 2011
- ALVES, P. A Experiência da Enfermidade: Considerações Teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, Vol. 9, No. 3: 263 – 271, 1993.
- BARROS, D.D. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 15, n. 3, p. 90-7, set./dez., 2004.
- BARROS, D.D.; GHIRARDI, M.I.G.; LOPES, R.E. Terapia Ocupacional Social. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 13, n. 3, p. 95-103, set./dez. 2002.
- BELLATO, R; ARAUJO,L.F.S; CASTRO,P. **O itinerário terapêutico** c:CEPESC, 2008. 167- 185 omo tecnologia avaliativa da integralidade em saúde. In. PINHEIRO,R;SILVA J. A.G;Mattos, Ra. Org. *Atenção Básica E Integralidade: Contribuições Para Estudos De Prática Avaliativas Em Saúde*. Rio de Janeiro
- BERGER, P. L. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 31. ed. Petropolis RJ: editora vozes, 2009.
- BRAGA, C.M.L. A etnometodologia como recurso metodológico na análise sociológica. **Ci. Cult.**, v.40, n.10, p.957-66, out., 1988.
- BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. Sumário Executivo Pesquisa Nacional sobre a população em situação de rua, 2008.
- CAMPOS, W. S. C, **Um método para análise e co-gestão de coletivos**, 3. ed. São Paulo – SP: Hucitec, 2007
- CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: Uma questão do salário**. 9. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2010.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano –Artes de fazer**. 5. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

DALMOLIN, B.M. **Esperança Equilibrista**: Cartografia de sujeitos em sofrimento psíquico. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

DE CARLO, M. M.; BARTALOTTI, C.C. **Terapia Ocupacional no Brasil, fundamentos e perspectivas**. São Paulo: Plexos, 2001.

FRANGELLA, S. M. Fragmentos de corpo e gênero entre meninos e meninas de rua. **cadernos pagu**, Campinas 2000: p.201-234

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na Terapia Ocupacional: Cultura, subjetividade e contexto histórico social. **Rev. Ter. Ocup. Univer. São Paulo**, São Paulo, v. 14, n. 3, p104-9, set/dez, 2003

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na Terapia Ocupacional: Cultura, subjetividade e contexto histórico social. **Rev. Ter. Ocup. Univer. São Paulo**, São Paulo, v. 14, n. 3, p104-9, set/dez, 2003

GHIRARD, I. M., LOPES, S. R., BARROS D. D., GALVANI D. Vida na rua e cooperativismo: transitando pela produção de valores. **Interface Comunic, Saúde, Educ**, v.9, n.18, p.601-10, set/dez 2005.

GRANOVETTER, M.. Economic Institutions as Social Constructions: A Framework for Analysis. *Acta Sociologica*, n. 35, p. 3-11. 1992.

GUATARRI, F. ROLNIK, S. **Micropolíticas: cartografias do desejo**, Petrópolis: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1989^a

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo – SP: Editora EPU, 1986.

MACHADO, L. D. Subjetividades Contemporâneas. Vitória: Edufes, **Psicologia questões contemporâneas**, 1999. 22p

MATTA, R. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro - RJ: Editora Rocco, 1997

MATTOS, C. L. G. D. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ, p. 1-20, 2000.

PAIS, J. M. **Sociologia da vida quotidiana**. 4. ed. Lisboa – Portugal: ICS: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

PAUGAM, S. "Poverty and Social Disqualification. A Comparative Analysis of Cumulative Social Disadvantage in Europe", **Journal of European Social Policy**, 6(4), pp. 287-303 1996.

RABELO, M.C.M; ALVES, P. C.B ; SOUZA, I.M.A. **Experiência de doença e narrativa**. Rio de Janeiro - RJ. Editora FIOCRUZ, 1999

REIS, H.B.C; MAIA, J. A socialidade nas ruas da favela da Mangueira: cartografia do acaso. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008

SCHUTZ, A. **Collected Papers I. The problem of social reality**. Haia: Martins Nijhoff, 1973

SIMMEL, G. **Organização de Evaristo de Moraes Filho**. trad. Carlos Alberto Pavanelli et al. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Philosophy of money**. Translate David Frisby and Tom Bottomore. New York: Routledge, 1990.

SPRADLEY, J. **The ethnographic interview**. Forth Worth: Hancourt Brace Jovanovich College, 1979.

TAKATORI, M. A terapia ocupacional no processo de reabilitação: construção do cotidiano - **Mundo saúde** p. 371-377, out.-dez. 2001.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 444p

VIEIRA, M. A. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. **População de rua: quem é, como vive, como é vista**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

YIN, R.K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Apêndices

Apêndice I

Entrevista Semiestruturada:

1. Como você organiza sua rotina? (me conte um pouco sobre como seria o dia a dia na rua), o que você faz quando está na rua?
2. O que você pensa das atividades que você desenvolve? Das ‘coisas’ que faz na rua?
3. Qual a relação com os recursos que você utiliza no dia a dia?

Apêndice II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “O Cotidiano da Pessoa em Situação de Rua do Distrito Federal”, de responsabilidade de Pedro de Andrade Calil Jabur, professor adjunto da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é a partir de entrevistas, escutá-lo (a) sobre sua trajetória de vida a partir de algumas questões que serão colocadas. Assim, gostaria de consultá-lo (a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de gravação de voz e fotos. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Espera-se com esta pesquisa a população em situação de rua possa ser melhor compreendida e a pesquisa possa auxiliar na construção de novos canais de comunicação dessa população.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61-81800477 pelo e-mail pedrojabur@gmail.com

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de visita posterior e entrega de relatório das entrevistas, para posterior conferência, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH cep_ih@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

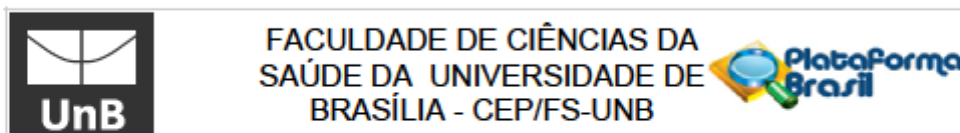
Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Brasília, ____ de _____ de _____

Anexo

Anexo I



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Vinculações: Trajetórias e biografias entre indivíduos em situação de rua.

Pesquisador: Pedro de Andrade Calil Jabur

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 15755913.7.0000.0030

Instituição Proponente: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS EM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 330.731

Data da Relatoria: 03/07/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de Projeto de Iniciação Científica, orientado pelo Prof. Dr. Pedro de Andrade Calil Jabur.

Participarão de sua equipe, além do próprio pesquisador, um professor e oito alunos de graduação.

Hipótese: As diversas rupturas vividas por esse sujeito (tanto de forma ativa, como passiva, consciente e inconsciente) aparecerá em seu próprio discurso: em seus fragmentos de vida e vida em fragmentos.

Objetivo da Pesquisa:

Apresentado no parecer No.305250.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Apresentado no parecer No.305250.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentado nos pareceres No.305250 e No. 320830.

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
 Bairro: Asa Norte CEP: 70.910-900
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3107-1947 Fax: (61)3307-3799 E-mail: cepfs@unb.br